

Brasil ultrapassa 630 mil mortes pela covid

Mas dados levantados pelo Conass não incluem os registros de Rio, São Paulo e Ceará, o que indica que número de óbitos pode ser maior. Uma variante da ômicron, mais agressiva, preocupa pesquisadores e ameaça atrasar o recuo das infecções

► MARIA EDUARDA CARDIM
► FABIO GRECCHI
► GABRIELA BERNARDES*

Com mais 493 mortes por covid-19 registradas ontem, o Brasil alcançou a marca de 630.494 vidas perdidas para a doença. O número de óbitos, porém, pode ser ainda maior, pois o balanço do Ministério da Saúde não contabilizou casos e mortes no Rio de Janeiro, São Paulo e Ceará, que têm grande peso nos dados nacionais da covid-19. O país registrou mais 184.311 infecções pelo vírus e contabiliza 26,2 milhões de casos positivos conhecidos. Os dados são do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass).

Isso ajuda a explicar por que os hospitais privados chegaram a quase 95% de ocupação das alas destinadas a pacientes do coronavírus durante a última semana de janeiro. A taxa para leitos de UTI foi de 85% no mesmo período, segundo levantamento da Associação Nacional de Hospitais Privados, divulgado ontem.

Apesar de o levantamento reunir dados de 45 hospitais particulares, juntos, tinham 9,8 mil leitos destinados ao tratamento do coronavírus entre 22 e 28 de janeiro. Um mês antes, quando 47 instituições privadas responderam à pesquisa — com um total de 5,1 mil vagas para infectados pelo coronavírus —, a taxa de ocupação era de menos da metade para ambas as modalidades: 47,31% em alas covid e 40,84% em vagas de UTI destinadas à pandemia.

Linhas BA.2

O domínio da variante ômicron no cenário da covid-19 no Brasil pode ser a porta para um cenário que assusta os pesquisadores: a lentidão na deceleração das infecções. Isso porque já circulou no país a linhagem BA.2, que de acordo com um estudo dinamarquês se mostrou mais transmissível do que as demais.

Os especialistas trabalham com um cenário pessimista para a BA.2. Creem que a disseminação pode causar uma disparada de infecções em locais que ainda não atingiram o ápice da onda da linhagem BA.1. Isso representa uma redução mais lenta na queda de casos nos países que já atingiram o ápice da infecção. No caso do Brasil, devido às desigualdades e o desestímulo das autoridades à vacinação e às medidas

Dez motivos para você se vacinar

Desinformação e mentiras estão na base da recusa de muitas pessoas em se imunizar

- Há alguma razão para temer a vacina?**
Não. Todas as vacinas que são licenciadas e testadas. O registro ou a autorização para uso emergencial só são concedidos a partir de estudos que comprovem a segurança e a eficácia dos fármacos. Mesmo depois de liberadas para aplicação na população, o desempenho das vacinas continua a ser acompanhado pelas autoridades sanitárias. Por fim: os imunizantes NÃO SÃO experimentais.
- As vacinas funcionam como?**
Não dão ouvidos às bobagens que circulam nas redes sociais, disseminadas pelos grupos antivax e negacionistas. Os imunizantes não implantam chips para o controle dos nossos corpos por governos, não nos torna zumbis e nem muda o nosso DNA. Atuam, apenas e tão somente, na prevenção, induzindo a criação de anticorpos pelo sistema imunológico. Reduzem a possibilidade de infecção, mas, caso a pessoa contraia o coronavírus, evitará a evolução para quadros mais graves — sobretudo a morte.
- As vacinas funcionam imediatamente?**
Não, nenhuma funciona assim. Não é porque a pessoa acabou de tomar a dose que já pode dispensar a máscara de proteção ou frequentar aquele show repleto de gente. Há, sempre, uma demora para a resposta do organismo. Nos primeiros dias após a imunização, pode ocorrer uma infecção por covid-19 contraída das arítes, como também é possível se infectar e transmitir a doença antes que comece a produção de anticorpos.
- Qual a intensidade da proteção da vacina?**
Alta e suficiente para evitar casos graves e óbitos — as exceções nesse caso são sempre motivo de estudo, mas praticamente desprezíveis para efeitos estatísticos. A Coronavac tem eficácia global (proteção contra qualquer forma da doença) de 50,38%, com duas doses. Já a Oxford/Astrazeneca tem proteção global de 73,43% após duas aplicações.
- E os efeitos adversos?**
Como qualquer medicamento, há a possibilidade de efeitos colaterais. No caso dos imunizantes contra a covid-19, os mais comuns são dor de cabeça, desconforto muscular, febre baixa e dor ou vermelhidão no local da aplicação.
- Tenho a melhor imunização do mundo, a proporcionada pelo vírus. Portanto, não preciso tomar a vacina.**
Baleia. Isso quer dizer apenas que seu organismo, por alguma razão, não desenvolve as formas mais graves da doença. Mas isso não te faz mais protegido. Tomar a vacina é fundamental para evitar que, eventualmente, esse quadro se altere e você precise ser internado em uma UTI.
- Quem contraiu covid-19 na primeira fase da epidemia pode tê-la novamente?**
Claro, a ocorrência de reinfeção está comprovada. O primeiro ataque do vírus pode ter ocorrido em qualquer momento desde o início da pandemia, não se limitando ao início dela.
- Mas e aquelas pessoas que se vacinaram e contraíram o vírus?**
A vacina, em muitos casos, não impede que a pessoa se infecte. Isso pode ocorrer porque o vírus das arítes se imunizar ou logo depois da aplicação.
- Tomei a vacina, então não transmito a covid a ninguém.**
Transmite sim. As vacinas disponíveis ainda não impedem totalmente que uma pessoa contraia o vírus, e muitas vezes podem aparecer sintomas clínicos. O que se espera é que as reações sejam mais brandas. Uma pessoa pode pegar e transmitir o vírus mesmo que seja vacinado.
- Tive contato com uma pessoa infectada, mesmo estando vacinado. Tudo OK se eu levar vida normal?**
Não, deve se isolar porque mesmo os vacinados podem transmitir o vírus.

Fonte: Conselho nacional dos secretários de saúde (CONASS)

de proteção, esse quadro tende a se complicar.

Segundo relatório divulgado, ontem, pela Rede Genômica da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) — que estuda as linhagens e variantes do vírus causador da covid-19 no Brasil, a partir dos resultados da vigilância genômica —, haviam sido identificadas as cepas BA.1 (2.382

genomas), BA.1.1 (226 genomas) e BA.2 (1 genoma) — esta última vem despertando preocupação entre os cientistas. No momento, a ômicron é classificada em quatro linhagens: BA.1, BA.1.1, BA.2 e BA.3.

Dominação

Os primeiros genomas da

ômicon no Brasil são de amostras do fim de novembro. Mas, ao término de dezembro, a variante era a mais frequente nas regiões Sudeste, Nordeste e Sul. De acordo com a Rede, enquanto no último mês de 2021 a cepa representou 39,4% de todos os genomas sequenciados, em janeiro passado esse índice saltou para 95,9% e em todo o país.

Na semana de 14 a 27 de janeiro, quando foram coletados os dados pela Rede, 3.739 genomas foram desenvolvidos no Laboratório de Vírus Respiratórios e Sarampo do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) e nas unidades da fundação no Amazonas, no Ceará, em Pernambuco, no Pará, na Bahia e em Minas Gerais.

Hoje estão identificadas mais de mil linhagens do vírus SARS-CoV-2, mas cinco estão classificadas como variantes de preocupação — com maior capacidade de transmissão e infecção, maior capacidade de escape de anticorpos ou a junção dos dois fatores.

*Estagiária sob a supervisão de Fábio Grecchi



Médicos cobram Angotti sobre kit covid

Um grupo de médicos impetrou, ontem, um recurso contra a nota técnica do Ministério da Saúde que defende o uso do kit covid — composto por medicamentos comprovadamente ineficazes contra o novo coronavírus — e levanta dúvidas sobre os efeitos benéficos da vacina. A nota foi assinada pelo secretário de Ciência e Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos do Ministério da Saúde, Hélio Angotti Neto, que deve se justificar para o grupo de especialistas em até cinco dias.

O Ministério Público Federal também recomendou, na última quarta-feira, a revogação de dois documentos

publicados pela secretaria. Segundo o MPF, mesmo depois de alterações feitas pela pasta — que retirou do documento uma tabela que apontava efetividade para hidroxicloroquina, mas não para vacinas contra a covid — a nota técnica continuou rejeitando as Diretrizes Brasileiras para Tratamento Medicamentoso da doença, elaborado pela Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS (Conitec). “O dispositivo lançou dúvidas sobre procedimentos que possibilitaram a formulação das diretrizes e ainda abriu espaço para que o Ministério da Saúde continue recomendando fármacos como a

cloroquina e a hidroxicloroquina no tratamento do paciente com coronavírus”, salientou o MPF.

O Ministério Público apontou, ainda, que diversas entidades da área da saúde no Brasil emitiram notas de repúdio contra o documento elaborado por Hélio Angotti Neto, destacando que o secretário não pode ignorar alertas técnicos, podendo cometer falha ética ou mesmo improbidade administrativa. O recurso também destaca que não há mais dúvidas entre a comunidade científica internacional a respeito da ineficácia de remédios como cloroquina e ivermectina para pacientes com covid-19.

Resposta ao STF

Em justificativa remetida à ministra Rosa Weber, do Supremo Tribunal Federal (STF) — que cerca cinco dias para que o secretário explicasse as razões da defesa do kit covid —, Angotti afirmou que, na época em que elaborou a nota técnica, tinha apenas “informações preliminares” sobre a eficácia da vacina. Porém, o documento que assinou é datado de janeiro passado, quando o Brasil e outros países imunizavam sua população há mais de um ano.

“Ao dispor na tabela a resposta ‘não’, ao se referir a vacinas, deve-se compreender que, à época,

somente estavam disponíveis resultados de publicações interinas em termos de eficácia e segurança, conforme se depreende da leitura do próprio relatório que serviu de base para a decisão do Plenário da Conitec”, justificou-se o secretário.

Angotti ainda afirmou que a população deve, sim, se vacinar, mas que é preciso acompanhar casos de reações adversas “para a efetiva definição da segurança das vacinas avaliadas”.

A resposta do secretário veio depois que o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, disse que cabia apenas a Angotti os esclarecimentos à Corte. (GB*)



Ao dispor na tabela a resposta ‘não’, ao se referir a vacinas, deve-se compreender que, à época, somente estavam disponíveis resultados de publicações interinas em termos de eficácia e segurança”

Resposta de Hélio Angotti Neto ao STF, para um documento assinado em janeiro, um ano depois de a vacinação começar

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Brasil **Página:** 5